



PROGRAMA **SEGURANÇA ENERGÉTICA** — **FLAD** —

O Programa FLAD Segurança Energética da Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento tem como missão desenvolver actividades de investigação e cooperação empresarial/institucional que abordem as dinâmicas geopolíticas, económicas e tecnológicas que impactem a segurança energética do espaço Atlântico, com um especial enfoque nas interdependências no sector dos hidrocarbonetos entre os EUA e o espaço lusófono (Portugal, Brasil e África Lusófona). O conhecimento produzido tem como objectivo enriquecer a informação pública sobre o tema, bem como contribuir para a reflexão estratégica dos decisores políticos intervenientes na segurança energética.

FUNDAÇÃO

LUSO-AMERICANA

EM PARCERIA COM:

MIRANDA
Miranda Correia Amendoeira & Associados
Sociedade de Advogados RL

E-mail: ruben.eiras@flad.pt

Introdução

O Atlântico será indubitavelmente um dos principais corredores energéticos da economia global do século XXI. A ascensão de novos produtores petrolíferos a Sul e o renascimento dos EUA como potência energética são os principais drivers desta profunda mudança geopolítica que impactará a segurança energética global, sobretudo no que diz respeito à disponibilidade física dos recursos energéticos fósseis e das dinâmicas industriais que a sua produção e comércio irão gerar.

Face a esta realidade, propõe-se à Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento a criação do Programa FLAD Segurança Energética, um think tank com o duplo objectivo de:

- Desenvolver actividades de investigação na perspectiva de política pública sobre as dinâmicas geopolíticas, económicas e tecnológicas com impacto na segurança energética do espaço Atlântico, com um especial enfoque nas interdependências no sector dos hidrocarbonetos entre os EUA e o espaço lusófono (Portugal, Brasil e África Lusófona) e o impacto potencial da extensão da Plataforma Continental Portuguesa a nível energético e de recursos minerais
- Dinamizar a cooperação empresarial entre os EUA, Portugal e África Lusófona através de um programa de criação de start-ups baseadas em soluções de competitividade tecnológica para a segurança energética, sobretudo no sector de E&P de hidrocarbonetos offshore e das energias renováveis

Segue-se um enquadramento geopolítico sobre a transformação da segurança energética atlântica, a Norte e a Sul, apontando de forma expedita as potenciais oportunidades de cooperação Portugal-EUA neste domínio.

Enquadramento

Vector Atlântico Norte: Liderança energética dos EUA

Começamos pelo Atlântico Norte. A prazo, o degelo do Ártico provocado pelas alterações climáticas não só criará novas rotas de navegação, mas também tornará possível a exploração de zonas antes inóspitas.

A Gronelândia será uma dessas novas regiões em que a exploração de vastos recursos energéticos será possível. As últimas estimativas da Agência Internacional de Energia (AIE) apontam para a existência potencial de 50 mil milhões de barris de petróleo, bem como de vastas reservas de metais raros (atualmente a China detém as maiores reservas mundiais), essenciais para a indústria eletrónica e do fabrico de equipamentos para energias renováveis.

Por sua vez, O Canadá já é uma potência energética firmada, sendo um dos cinco maiores produtores de petróleo do mundo e o principal fornecedor dos EUA. Do lado europeu, destaca-se a Noruega, o segundo maior exportador mundial de gás natural e com competências tecnológicas avançadas na exploração petrolífera offshore.

Mas a grande mudança no Atlântico Norte provém dos EUA. A revolução tecnológica, combinada com o aumento do preço do petróleo, tornou possível que as reservas de hidrocarbonetos não convencionais (shale gas e shale oil) fossem exploradas e produzidas a um custo competitivo.

E o impacto desta mudança já se fez sentir em 2013: vinte e cinco milhões de barris equivalentes de petróleo (boe) diários produzidos nos EUA - é este o número histórico gerador de colossais ondas de choque no equilíbrio mundial do poder energético.

Com esta produção, os EUA anteciparam em 7 anos a mudança que se previa para 2020 - ultrapassar a Arábia Saudita e a Rússia como maiores produtores de petróleo e gás, como comprovam as últimas estimativas da Energy Information Administration (EIA) , o organismo estatal norte-americano responsável pelas estatísticas e estudos de política pública energética. Ou seja, no mesmo mês em que a China se torna o maior importador de petróleo, os EUA tornam-se líderes mundiais na produção petrolífera, rumo à auto-suficiência energética.

Além disso, a maioria das reservas de gás natural não-convencionais situam-se na faixa atlântica dos EUA. A análise levada a cabo pelo Potential Gas Committee (PGC) , uma organização que reúne todos os stakeholders envolvidos na indústria do gás natural no mercado norte-americano (existente há 48 anos), revela ainda que as bacias na costa Atlântica são as que detêm a maior quantidade deste recurso (33%), tendo crescido 110% desde 2010.

O relatório traz ainda a atenção de que, dada a abundância de reservas gasíferas, o preço de mercado nos EUA está demasiado baixo para viabilizar uma grande parte dos potenciais novos poços. Por isso, uma provável solução será a exportação de gás natural o mais rápido possível, a fim de aumentar ligeiramente o preço de venda e assim tornar economicamente atrativas as novas explorações.

Os primeiros sinais deste novo equilíbrio geopolítico da energia em curso já se manifestam no continente europeu, mais precisamente na Europa de Leste e Central.

Polónia, Estónia, Finlândia, Letónia, Lituânia, República Checa, República Eslovaca e Áustria estão a organizar um lobby em conjunto com empresas americanas, a que denominaram "Aliados do GNL".

O objetivo principal deste grupo de pressão é incentivar a exportação de gás americano (proveniente do shale gas) para aqueles mercados, a fim de reduzir a dependência extrema da Rússia, os quais em muitos casos chega a 100% do abastecimento daquela fonte energética.

Face a este cenário, aquele grupo de países percebe o gás americano como uma oportunidade reforço da sua segurança energética, diversificando as suas fonte de abastecimento com base num aliado NATO.

As oportunidades para os Açores e Portugal

Para o gás norte-americano chegar a esses mercados, terá de ser transportado por via marítima, obrigando a investimentos não só em novos navios, mas também em infraestruturas de regasificação e armazenamento nos países destino ou Estados parceiros.

Portanto, um dos principais impactos do shale gas americano será a aceleração da crescente «maritimização» desta commodity em detrimento do seu comércio via terrestre, por gasoduto. Ou seja, surgem oportunidades industriais e comerciais para os países costeiros.

Portanto, Portugal, com a sua inigualável posição geoestratégica face aos EUA, deveria explorar a oportunidade de tornar os Açores num entreposto marítimo de reabastecimento e armazenamento de de Gás Natural Liquefeito (GNL), como também estudar a viabilidade da criação de uma infraestrutura de transformação do GNL em produtos refinados (gasolina e diesel).

Outra potencial oportunidade para maximizar a posição geoestratégica de Portugal face aos EUA é Sines também operar como plataforma reexportadora do gás natural americano para o mercado europeu, por exemplo, tornando-se num ponto de apoio logístico e de aprovisionamento no extremo ocidental europeu ao grupo dos Aliados do GNL.

Vector Atlântico Sul e África Lusófona: o novo mundo do petróleo

Por sua vez, no Atlântico Sul e na África Lusófona, opera-se outra revolução petrolífera, desta vez em águas profundas e ultra-profundas, liderada pelo Brasil e seguida de perto por Angola e Moçambique. Pela primeira vez, o mundo lusófono está prestes a desempenhar um papel estratégico na economia global do petróleo e do gás.

Com efeito, cerca de 50% das novas descobertas mundiais de hidrocarbonetos realizadas desde 2010 estão localizadas em países lusófonos. Sem dúvida, este será um factor transformacional da importância geopolítica do português na economia global.

Segundo as últimas análises das consultoras IHS e Bernstein Analysis, três países de língua oficial portuguesa lideram o ranking das 10 maiores descobertas de petróleo e gás do planeta na presente década.

Brasil e Moçambique lideram esta lista, em primeiro e segundo lugar, respetivamente. Com efeito, aqueles dois países concentram quase metade das novas reservas de hidrocarbonetos da economia global: de um total estimado de 72.700 biliões de barris de petróleo equivalente (boe) identificados, perto de 19 mil milhões encontram-se no gigante sul-americano e 15 mil milhões em Moçambique (sobretudo gás natural).

A seguir a aquele país lusófono, situam-se o Irão (9 biliões boe) e a Noruega (5 biliões boe). E em Angola foram igualmente descobertos mais 2 biliões de boe, ocupando este país o 10º lugar da referida lista.

Isto significa o espaço lusófono não só está a reforçar a sua importância geopolítica na economia global em função dos vastos recursos petrolíferos existentes, mas como também está a tornar-se um espaço com importância estratégica para a segurança energética mundial.

No limite, cerca de 30% do abastecimento mundial de petróleo será assegurado pelo Brasil em 2035, tornando aquele país lusófono no 6º maior produtor mundial. Contudo, a ascensão do gigante sul-americano a uma potência energética global está fortemente condicionada essencialmente por um factor geopolítico muito específico: acesso a tecnologia de extracção e produção de petróleo e gás, económica e ambientalmente eficiente.

Esta é uma das principais conclusões do último World Energy Outlook 2013 , publicado recentemente pela Agência Internacional de Energia (AIE).

Actualmente, a produção brasileira pouco ultrapassa os 2 milhões barris diários, mas está projectada o seu aumento para 4 milhões em 2020 e alcançar os 6 milhões em 2035. Os dados mostram que o Brasil se tornará numa potência petrolífera de base marítima: das reservas de 18,2 biliões de barris, cerca de 90% estão localizadas no offshore, a maioria das quais está categorizada como «águas profundas».

Ou seja, estamos a falar de produzir hidrocarbonetos a profundidades na ordem dos 6000 metros. E é neste aspeto que o relatório da AIE é peremptório: «o desenvolvimento de fronteira em águas profundas é dos projetos mais complexos levados a cabo pela indústria global». Segundo a AIE, no total, a produção offshore já representa 30% da atual produção mundial.

5. Índice de Segurança Energética FLAD (ver anexo metodológico)

Relatório anual com a divulgação do Índice de Segurança Energética FLAD, um índice composto, calculado com base em estatísticas oficiais. A publicação do Índice de Segurança Energética FLAD é acompanhada de uma conferência sobre a temática.

6. Atribuição de bolsas de estudo, para realização em universidades americanas, de doutoramentos sobre a temática da segurança energética atlântica

Realização de conferências e debates

7. Conferência anual sobre a segurança energética atlântica

8. Dinamização de debates quadrimestrais sobre segurança energética atlântica

Cooperação empresarial

9. Promoção da cooperação empresarial entre Houston e Lisboa (Câmaras Municipais e universidades) para a dinamização de start-ups de serviços industriais de petróleo e gás (hardware e software), eficiência energética e renováveis, através de um programa de intercâmbio de empreendedorismo e de criação «cruzada» de novas empresas

Atividades a realizar em 2014-2015

Atividade 1. Produção de 2 edições Programa FLAD Segurança Energética Briefing (newsletter):

- Outubro
- Fevereiro

Atividade 2. Produção do estudo public policy «O impacto do shale gas dos EUA na segurança energética europeia – oportunidades para Portugal»

- Realização da análise da segurança energética do gás natural no espaço Atlântico
- Entrega de três research papers (em conjunto compõem o estudo) entre Setembro de 2014 e Janeiro de 2015
- Realização de 1 workshops, modelo focus group, com especialistas para reflexão e aprofundamento da discussão dos resultados da análise produzida
- Realização da conferência de apresentação do estudo (Fevereiro de 2015)

Atividade 3. Realização do anuário FLAD Energy Security Outlook 2015

- Realização de estudo ‘policy prospective’, com base na metodologia de análise ‘Índice de Segurança Energética - ISE’ (ver anexo metodológico) dos EUA, Portugal e restante CPLP
- Realização de 1 workshop, modelo focus group, com especialistas para reflexão e aprofundamento da discussão dos resultados da análise produzida
- Realização da conferência de apresentação do FLAD Energy Security Outlook 2015 (Maio de 2015)